Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:005

30 DE NOVEMBRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Monsenhor Giulio Tonti, novo nuncio de Sua Santidade, em Lisboa

(Fotografia de Panajou Frères)

Chronica Occidental

Quousque tandem...

Os mais indifferentes andam á cata de noticias, e, mal o primeiro garoto palmilhando a calçada atira seu pregão, mais alto que todo o bulicio de carruagens e carros, estendem-se as mãos, anciosas mais que de famintos por um bocado de pão.

Não é tão cedo que a politica nos dará repouso. O que passou n'estes ultimos dias tornou para sempre memoraveis as sessões nas duas camaras, mas sobretudo na dos deputados, onde se deu o caso da expulsão dos dois republicanos, sem precedente na nossa historia parlamentar.

E haviamos escripto aqui, na ultima chronica, que tudo havia sido bonança, não derradeiros dez dias! Os ultimos minutos da decada vieram dar-me um desmentido. Voltámos á antiga, aos temporaes de que antes haviamos falado, mais temiveis, mais rugidores, mais de acautelar os pilotos.

— Sr. Presidente do Conselho, tenha juizo! disse o sr. Hintze Ribeiro ao sr. João Franco.

E' que os tempos vão máos e as imprudencias do actual sr. Presidente do Conselho podem-o prejudicar nas suas lealissimas tenções.

Foi na segunda feira que rebentou a grave tempestade. Depois de grande tumulto motivado por um requerimento do sr. Pedro Gaivão, a cuja approvação e maioria se oppõe, as carteiras vôam em estilhaços, a sessão é suspensa, reaberta, encerrada.

No dia seguinte, a enchente é completa, na sala, galerias e corredores. Tem a palavra o deputado republicano, dr. Affonso Costa.

Começa a falar serenamente até que se refere aos adeantamentos concedidos á familia real e ás dividas d'esta ao paiz, conforme declarações ha dias feitas pelo sr. Ministro do Reino. Interrompe-o o sr. presidente da camara. Responde-lhe com violencia o orador. A maioria ergue-se e increpa-o. Responde, cada vez mais vehementemente o sr. dr. Affonso Costa, e as galerias applaudem-o, ouvindo-se gritos de viva a republica! Segue se enormissimo tumulto e o sr. presidente da camara, depois de haver agitado repetidas vezes a campainha, intima o orador a retirar uma phrase que pronunciou.

E' applicada a censura regimental ao deputado republicano e, como este se nega a sahir da sala, manda o presidente entrar a força armada.

Nunca tal succedera em Portugal. Saem com o sr. dr. Affonso Costa os mais deputados republicanos e os dissidentes. O povo, que fôra mandado sahir das galerias vem descendo as escadas, quando se encontra com os deputados que vão sahindo em meio da tropa; e um grito de viva a liberdade, responde com vivas á republica.

Quando a sessão reabre, varios deputados apresentam moções e fala finalmente o sr. Antonio José d'Almeida, interrompido muita vez pela campainha do sr. Presidente. E' incrivel o barulho que vai na camara, quando o orador termina seu violentissimo ataque á monarchia.

Segue-se o sr. Alexandre Braga e mais os animos se exaltam. E'-lhe retirada a palavra, mas, poucos minutos depois, concedem-lh'a novamente. Entre protestos da maioria, o sr. Alexandre Braga commenta com grande energia o que na camara se passára, até que, continuando os protestos da maioria, o sr. presidente lhe retira a palavra, convidando-o a sahir immediatamente. E' finalmente expulso por força armada, depois de ter o deputado republicano affirmado que a votação para a sua expulsão tinha sido uma cobardia numerica. Esteve imminente um conflicto entre o dr. Alexandre Braga e Rodrigues Nogueira.

Algumas horas depois, por um d'estes milagres, que o amor patrio mais d'uma vez ha conseguido, os inimigos, que pareciam nunca poder encontrar-se no mesmo campo, davam as mãos num protesto energico de amor á independencia nacional. Pela primeira, pela ultima, pela unica vez, declarou o sr. dr. Antonio José de Almeida, que votaria com o governo.

E' que alguns republicanos hespanhoes haviam telegraphado para Portugal, em vista dos ultimos acontecimentos nas camaras, falando de união iberica, como de sonho que corações portuguezes poderiam tambem acalentar. Hespanhoes, dizia-se, viriam a Portugal applaudir o procedimento dos deputados portuguezes.

O sr. Conselheiro Moreira Junior apresentou na camara dos deputados a seguinte moção: «A camara dos deputados da Nação Portugueza sauda a Hespanha e o seu governo e, protestando energicamente contra a pretensão dos elementos estrangeiros se envolverem na politica do nosso paiz, espera que os deputados republicanos portuguezes engeitem e repillam quaesquer manifestações de applauso e de solidariedade com elementos estrangeiros que se mostram partidarios da união iberica»

O sr. dr. Antonio José d'Almeida, em seu nome e em nome do Directorio Republicano, declarou que não é do partido republicano que a dignidade nacional ha de soffrer aggravo O partido quer uma patria nova, mas independente. E foi terminando suas considerações que disse estar n'esta questão, pela primeira e unica vez ao lado do governo.

A moção do sr. conselheiro Moreira Junior é approvada por acclamação, depois de discursos dos srs. Conde de Paçô Vieira, Pedro Gaivão, João Pinto dos Santos e conselheiro João Franco.

E' de tamanho interesse o assumpto que não devemos deixar de mencionar os telegrammas de aqui enviados pelo Directorio do Partido Republicano aos republicanos hespanhoes e as respostas d'estes:

«Madrid — Congresso — D. Nicolas Salmeron. O Directorio do Partido Republicano Portuguez chama a attenção de V. Ex.ª, como digno chefe do partido republicano hespanhol, para as palavras de Lerroux, que tão profundamente aggravam os nossos sentimentos de amor pela autonomia da patria, indestructivelmente radicados no coração e no espirito da democracia portugueza».

«Madrid — Congresso — D. Alexandre Lerroux. O Directorio do Partido Republicano Portuguez, agradecendo as suas palavras de sympathia pelos nossos queridos deputados, não pode deixar de repellir, solemne e cathegoricamente, a grave offensa por V. Ex.ª feita aos nossos indestructiveis sentimentos de amôr, sem limites, até ao ultimo sacrificio, pela absoluta autonomia da patria portugueza, quer na peninsula, quer no mundo».

«Ao Directorio do Partido Republicano Portuguez.

Respondendo ao vosso affectuoso telegramma, a minoria parlamentar affirma que a gloriosa independencia da nação portugueza é sacratissima para todos os republicanos hespanhoes, que considerarão um absurdo e abominavel attentado qualquer repressão que possa affectar os nobres e vigorosos sentimentos da democracia lusitana, pela indestructivel soberania da sua luminosa patria».

«Ao Directorio do Partido Republicano Portuguez.

Saudo com respeito e affecto o povo irmão e lamento que se tenham interpretado mal as minhas intenções Houve tempo em que o illustre e egregio chefe Salmeron propagou com fervoroso enthusiasmo a união iberica sob o throno dos Braganças. Depois, Pi y Margall defendeu a federação dos povos iberos Eu affirmo e ratifico que a minha aspiração generosa é a da confederação iberica, respeitando a independencia de ambas as nações, como percursora da federação da raça latina, glorioso brazão da patria universal. Acceitae esta leal explicação que ampliarei pessoalmente e de viva voz. A confederação das republicas não attentaria contra a independencia das patrias portugueza e hespanhola».

Chega-se a ter desejos de bemdizer desordens que trouxeram taes affirmações de lucta pela independencia em todos os partidos de Portugal. Foi um espectro que se afugentou e nos atemorisava. Assim pudesse desfazer-se o sorridente espectro, de quando em quando surgindo, aos olhos castelhanos.

All is well that ends well.

E, para terminar, falemos d'outra coisa que não seja de politica, embora o mesmo sentimento de patriotismo nos leve a escrever este glorioso final.

Sahiu a barra o cruzador brazileiro *Benjamim Constant*. De festas, de passeios, de bailes e *lunchs* a bordo, todos os jornaes deram noticia; mas não podemos aqui deixar de mencionar a manifestação feita ao valente e illustre official da nossa marinha, contra-almirante Augusto de Castilho, pelos officiaes brazileiros.

Como de todos é sabido, era elle o commandante da divisão naval portugueza que se achava na bahia do Rio de Janeiro, quando foi da revolta capitaneada pelo almirante Saldanha da Gama. Foi elle quem recolheu a bordo da corveta *Mindello*, perto de seiscentos homens dos revoltados. Entre estes alguns ali estavam agora, officiaes distinctos do *Benjamim Constant*, honra da marinha brazileira. Todos estes factos foram recordados pelo capitão-tenente Heraclito Belford, que terminou sua saudação ao official portuguez, abraçando-o e beijando-lhe a mão.

Mais brindes foram erguidos: á esposa de Augusto de Castilho que maternalmente acolheu os refugiados e ao exercito portuguez ali representado por Jorge de Castilho, ultimo herdeiro do nome glorioso.

E ponhamos aqui ponto n'esta chronica com uma saudação ao grande portuguez.

João da Camara.

O Novo Nuncio de Sua Santidade em Lisboa

Sua Excellencia Rev.ma Monsenhor Giulio Tonti, arcebispo de Ancyra, novo nuncio de Sua Santidade o Papa Pio X junto da côrte de Lisboa, nasceu em Roma a 9 de novembro de 1844.

Completada que foi sua educação scientifica secundaria doutorou-se em filosophia, theologia e direito canonico e civil na Universidade Pontificia de S. Apolinare. Foi por pouco tempo Vice-Reitor da Propaganda Fide, instituto que gosa de fama universal, e depois honrado com um alto cargo na Sacra Congregação dos Negocios Ecclesiasticos Extraordinarios. Mons. Tonti entrou definitivamente na carreira diplomatica em 1879 como Auditor de 2.ª classe na Nunciatura de Paris, onde residiu até fins de 1883 com os Nuncios Czacki e Di Rende. No meio d'este anno foi nomeado Auditor e Abreviador da Nunciatura Apostolica de Lisboa onde se conservou até fins de abril de 1892 com os Nuncios Apostolicos Aloiso Masella, Vicente Vannutelli e Dominigos Jacobini. N'esse anno o Papa Leão XIII elevou Mons. Tonti a Chefe de Missão, nomeando-o Delegado Apostolico e Enviado Extraordinario junto das Republicas de São Domingos, Haiti e Venezuela, sendo consagrado titular de Samos em 25 de julho do mesmo anno.

Esta sua primeira Missão Diplomatica como Delegado Apostolico durou dez annos. Foram numerosos e importantes os negocios que Mons. Tonti tratou durante esta missão.

Chegado a Haiti no 1.º de novembro de 1892, pouco tardou que, em vista de circumstancias de particular importancia, fosse nomeado, de accordo com o governo Haitiano e a Santa Sé, Administrador Apostolico do Arcebispado de Porto-Principe com o titulo de Arcebispo de Sardes. Em 1894 foi Mons. Tonti encarregado pelo governo da Republica de Venezuela, de ir a Londres tratar com o Governo Britannico do reatamento das relações diplomaticas entre os dois paises, e resolver a questão de limites das fronteiras da Guayana Ingleza e da Guayana Venezuelana, questão que foi definitivamente resolvida entre os dois governos, por meio de arbitragem proposta pelos Estados Unidos.

N'aquelle anno de 1894, Mons. Tonti, conservando sempre o cargo de Delegado Apostolico de Haiti, S. Domingos e Venezuela, foi por accordo estabelecido entre as tres Republicas e a Santa Sé, elevado, por expresso pedido do Governo de Haiti ao Papa, a Arcebispo effectivo de Porto-Principe. Em seguida Mons. Tonti recebeu missão dos governos de Haiti e de S. Domingos, de submetter á arbitragem do Papa, a solução da questão de fronteiras entre estas duas Republicas.

Como Arbebispo de Porto Principe Mons. Tonti tomou parte activissima na celebração do primeiro Concilio Plenario da America Latina, reunido em Roma por ordem de Sua Santidade Leão XIII, nos mezes de junho e julho de 1899. As resoluções salutares d'este Concilio, no qual tomou parte todo o Episcopado da America Central e Meridional, foram de tão incalculavel importancia, que, sem duvida, marcarão nos annaes da Egreja Catholica d'aquellas nações o principio de uma nova ordem de civilisação e progresso.

Todas estas delicadas e importantes missões de que Mons. Tonti foi investido pela Santa Sé e por aquelles Governos, mostram á evidencia a grande confiança que uma e outros, tiveram na sua actividade e raras qualidades de habilissimo diplomata. De quanto serviu a Mons. Tonti esta sua posisão verdadeiramente privilegiada atesta-o junto d'aquelles Governos o grande incremento que elle deu aos interesses da religião, fundando numerosissimas obras catholicas, e promovendo

de accordo com os governos a criação de não poucas Dioceses novas.

Em fins de 1902 passou Mons. Tonti á Nunciatura do Brasil e, deixando o governo da archidiocese de Porto Principe, foi nomeado Arcebispo titular de Ancyra, titulo que ainda conserva.

Na grande republica Sul America não foram menos apreciadas as altas qualidades de Mons. Tonti, nem menos importantes os serviços que prestou, pois que o governo brasileiro com o consenso do Santo Padre Pio X o invistiu da presidencia do Tribunal Arbitral para dirimir varias questões dificeis de limites territoriaes entre o Brasil e as republicas do Perú e da Bolivia. Foi este um dos serviços mais importantes prestados por Mons. Tonti ao Governo do Brasil. Como Nuncio Apostolico obteve tambem da Santa Sé para aquella Republica, a insigne honra de ter um Cardeal no seu Episcopado, apesar d'esta honra ser muito ambicionada e até disputada por outras importantes nações americanas, como o Mexico, o Chili, a Argentina, etc, etc.

Uma tão feliz carreira diplomatica é a maior prova do alto valor de Mons. Tonti, e garantia de quanto a sua Nunciatura em Lisboa será fecunda em beneficos resultados para Portugal, onde Mons Tonti é já bem conhecido e conta antigas e numerosas simpatias.

SANATORIO SOUSA MARTINS

E' por demais notorio que nós todos vivemos n'um meio hostil, cercados d'inimigos occultos esperando apenas o momento asado para o assalto.

Nas poeiras que respiramos, na agua que bebemos, nos alimentos que ingerimos, nos objectos que nos rodeiam, nos vestidos que nos cobrem, na pelle do nosso proprio corpo, e dentro de nós mesmos — existem representantes d'essa sociedade numerosa e nociva, legiões d'adversarios promptos para a lucta, que ao minimo ensejo se insinuam, penetram os recessos do organismo, minando, minando sempre, insidiosamente, com perseverança e exito, na impunidade da sua grandeza microscopica.

A Sciencia, mal que foi lançada a suspeita da existencia clandestina d'esses inimigos, redobrou d'actividade e interesse no intuito de os descobrir.

O Sabio, encerrado no seu gabinete, considerou o problema momentoso. Occorre-lhe naturalmente a ideia de reforçar — em busca d'esses seres minusculos, e ao tempo só de hypothetica realidade, — o poder visual dos seus olhos humanos e debeis.

A lente bi-convexa, de primitiva applicação, simples, rudimentar, não trazia afinal se não resultados incompletos. Era preciso mais. O sabio porem não desanimava nunca! A sua tenacidade attinge as proporções grandiosas do heroismo! Não é a ambição da gloria ephemera, que o instiga. E' o amor pela Verdade, em proveito dos homens. Bem conhece que o mundo todo aguarda ancioso o momento decisivo, d'alma esperançada, e o pensamento no logar humilde onde elle continua trabalhando, persistentemente, com o unico fito de poder um dia derramar sobre as sociedades condemnadas a luz da sua gloriosa descoberta.

E assim foi. Inventára-se o grande, o poderoso auxiliar.

O microscopio trouxera ao arsenal scientifico a maneira engenhosa de fazer amplificar o tamanho do presupposto inimigo. Os nossos olhos podiam agora surprehendel-o, observar as surdas evoluções do seu exercito, estudar-lhe a tactica, os processos de defeza e de ataque, devassar emfim os mysterios do seu mundo invisivel!

E o sabio, recolhido como um asceta na sua cella de martyr, sacrificado á Sciencia, quasi valetudinario e envelhecido na lucta, sentinella vigilante e fiel, pudéra, finalmente, accordar os ouvidos da humanidade expectante com o seu grito d'álerta!

E assim, desde Leeuwenhoeck até Pasteur, a Sciencia continuou trilhando ovante, de conquista em conquista, a estrada da Verdade, no encalço d'esses organismos infinitamente pequenos e infinitamente perigosos.

A tuberculose é, de todas as doenças de natureza microbiana, a mais dizimadora e implacavel. Moças apparentemente robustas, na madrugada da sua radiosa juventude, as melhores illusões da vida desabrochando-lhes na alma; mancebos fortes, desempennados, d'hombros amplos, parecendo vender saude e desafiar a morte; creanças mal acertando ainda os primeiros passos vacillantes; os proprios velhos encanecidos e tropegos, ao declinar da existencia, quando já só lhes sorri a esperança d'uma velhice amparada e calma; — todos elles, sem distincção de cathegoria ou d'edade, estão sujeitos a ser attingidos pela alluvião d'esses elementos destruidores, e em dado momento, sem o supporem, tornarem-se as victimas indefezas d'um attentado brutal e ardiloso.

E desde a hora do primeiro rebate, da primeira manifestação da doença, aquelle que a contrahiu fica apontado como um perigo social, um agente disseminador do terrivel morbus, sequestrado, por isso, ao convivio dos que têm saude. Ha quem o olhe com desconfiança, de soslaio; ha quem disfarce, para não ter de lhe apertar a mão; quem lhe volte a cara; quem o evite; quem fuja d'elle — como da peste!

E o tysico tem a tristeza nostalgica e dolorosa de todos os repellidos Assim os leprosos, na Edade-Média, andavam errando nos campos solitarios, escorraçados pelos seus semelhantes, longe da sociedade que temia o contacto impuro.

Urgia, pois, combater o mal; tratar os doentes com piedade e, simultaneamente, com as precauções necessarias, de fórma a sustar o desenvolvimento dos germens, e a impedir a sua diffusão.

Ora, de todos os meios empregados para esse fim, aquelle que mais proficuos resultados tem produzido, — segundo o demonstram rigorosas estatisticas, — é o internato nos sanatorios.

E assim parece dever ser.

O methodo de tratamento baseia-se, ainda hoje (com pequenas variantes accessorias e peculiares á opinião individual de cada medico) na celebre trilogia de Brehmer: «respiração ao ar livre, repouso prolongado, e alimentação substancial.»

O sanatorio permitte, pela sua disposição estudada e methodica, o emprego d'esses meios curativos. Mas outros privilegios concede: evita-se a promiscuidade das casas d'hospedes, estabelecidas simplesmente com um fim especulativo, mal arejadas e mal illuminadas, sem commodidades e sem confortos; evita-se, mesmo pelo que respeita a pessoas abastadas, a installação defeituosa e pouco hygienica das suas habitações, em que a limpeza quotidiana, por mais meticulosa que se afigure, é sempre imperfeita e insufficiente para obstar ás reinfecções successivas; e emfim, a falta da vigilancia constante do clinico a corrigir desmandos, submettendo o doente á disciplina regulamentar. Como complemento dos privilegios apontados, prestados pelo sanatorios aos doentes em particular e á sociedade em geral, não deixarei de mencionar, por importante, mais este: o tratamento dos tuberculosos pobres. Tem sido um dos maiores problemas sociaes.

Sabe-se que é o proletariado onde a tuberculose recruta o mais elevado contingente das suas victimas. O operario fica, apóz a invasão do mal, collocado n'esta embaraçosa situação: ou persistir no trabalho, sujeitando-se a peorar e por fim a morrer; ou, seguindo as irredutiveis prescripções do medico, a perder, pelo descanço que lhe é imposto, o salario exiguo, e com elle o pão do seu sustento e de seus filhos.

Triste dilemma, que só por esta fórma encontra uma solução satisfatoria.

Na Allemanha, por exemplo, os operarios são legalmente obrigados a segurarem-se para a velhice, a doença e a invalidez.

As companhias de seguros têm obrigação immediata de cuidar dos individuos tuberculosos. E' por este motivo que um tão elevado numero de sanatorios se tem edificado n'aquelle paiz; e assim se explica tambem o successo enorme d'esses estabelecimentos, a precentagem consideravel de curas, pois que, em taes condições, consegue-se fazer um tratamento precoce — o que é d'especial e reconhecida vantagem.

Muita gente presume, ainda hoje, que a installação d'um sanatorio se torna prejudicial para as terras adjacentes, como um fóco permanente de microbios, inquinando o ar.

Engano. Em Goebersdorf, existem tres d'essas grandes casas de saude, que, no espaço de 40 annos, receberam 25.000 tuberculosos. Pois, a mortalidade dos habitantes d'essa terra nunca passou a média ordinaria, e tem até talvez decrescido, attribuindo-se o facto, segundo a opinião de Knopf, ao exemplo do regimen observado alli.

A Guarda, pois, pela sua situação geographica, n'uma altitude de 1.049 metros; pela pureza biologica e chimica do seu ar; pela relativa facilidade dos meios de transporte; pelos seus recursos commerciaes e agricolas, de capital de districto; — por todas as condições, em summa, que concorrem nas outras localidades escolhidas para estações de cura, — estava naturalmente indicada para esse effeito.

A affluencia de doentes nos ultimos 20 annos, (procurando os beneficios do clima, e a abalisada competencia clinica do illustre facultativo, dr. Lopo de Carvalho) tornara-se consideravel. Até que, recentemente, a Assistencia Nacional aos Tuberculosos, — que S. M. a Rainha D. Amelia tem engrandecido com a generosidade da sua desvelada protecção, — iniciou a construcção d'um sanatorio para ricos e pobres.

DR. LOPO DE CARVALHO

As gravuras que acompanham esta mal alinhavada noticia, dão uma leve ideia da obra em parte realisada. O sanatorio fica situado a sudoeste da cidade, e a curta distancia dos ultimos predios. Um grande muro veda o recinto n'uma área extensa de 27 hectares de terreno arido, mas lavado d'um puro ar vivificante e lambido do sol nos dias claros de céu alto, muito azul...

Em definitivo, o sanatorio compôr-se-ha: de tres pavilhões para pobres, já promptos; d'um grande pavilhão para ricos, ainda por construir; de dezeseis *chalets* — dos quaes tres apenas edificados, — correspondendo cada um d'elles, mercê d'uma divisão interior, a duas residencias para doentes cujas posses lhes permittam viver separadamente com pessoas de familia; e emfim, d'abegoaria, lavanderia, pôsto de desinfecção, habitação do medico, e hospital.

Quem transpõe o largo portão d'entrada, não sente o constragimento que d'ordinario se experimenta em face das casas de saude, geralmente pesadas e lugubres.

Abrangido *d'ensemble*, o Sanatorio Sousa Martins ganha um aspecto pittoresco nas suas linhas elegantes e sobrias, de singela architectura, obedecendo aos preceitos fundamentaes da hygiene, mas não descurando tambem as regras do bom senso esthetico.

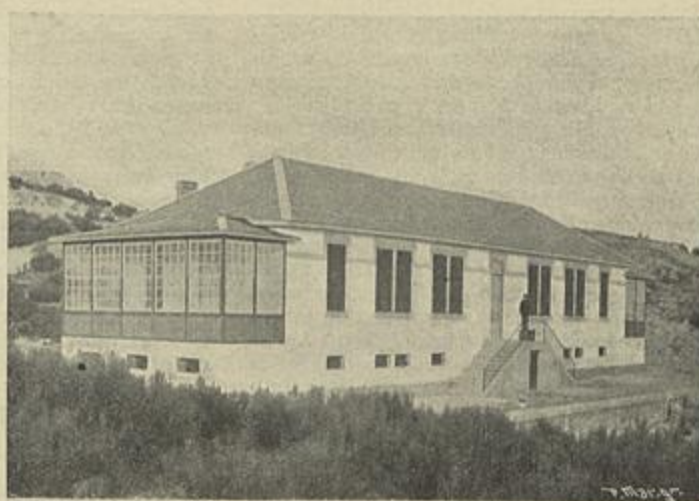
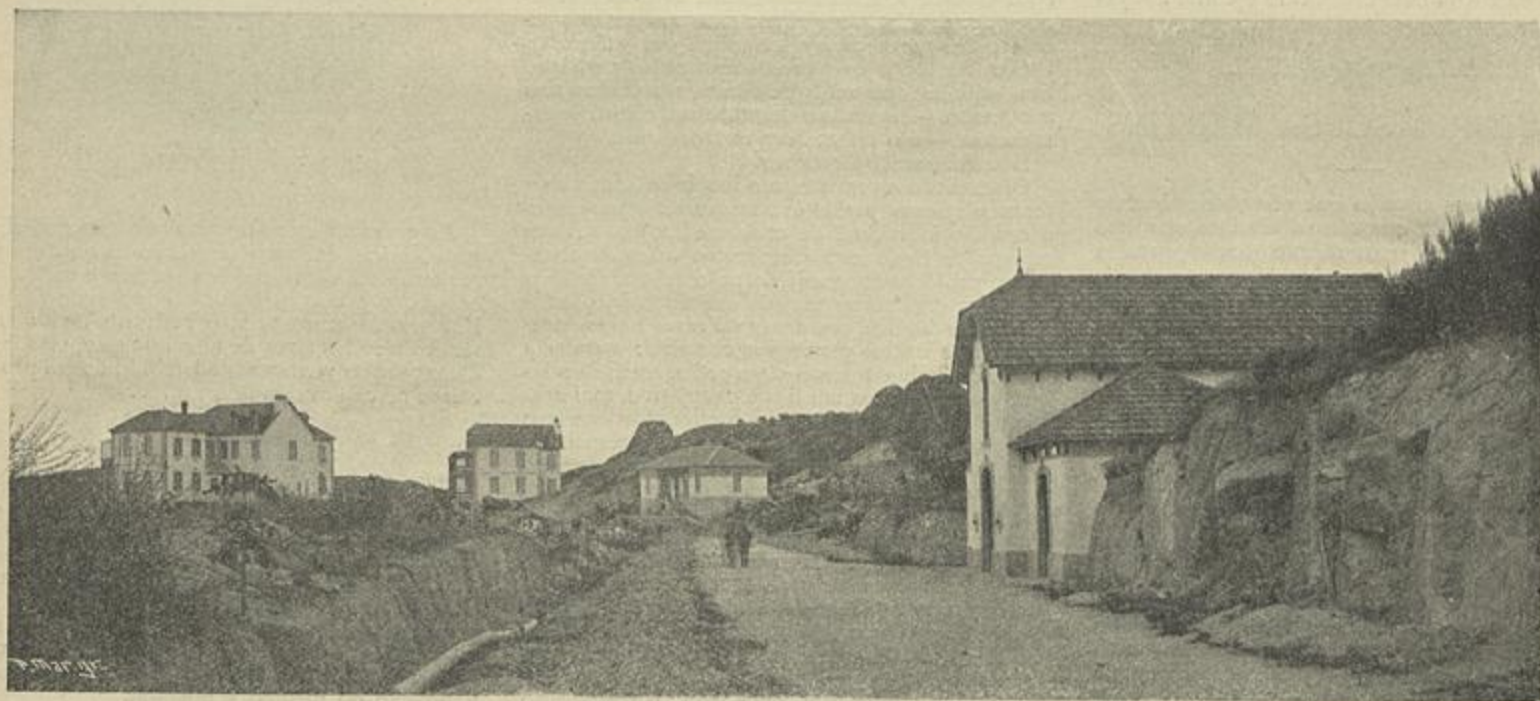
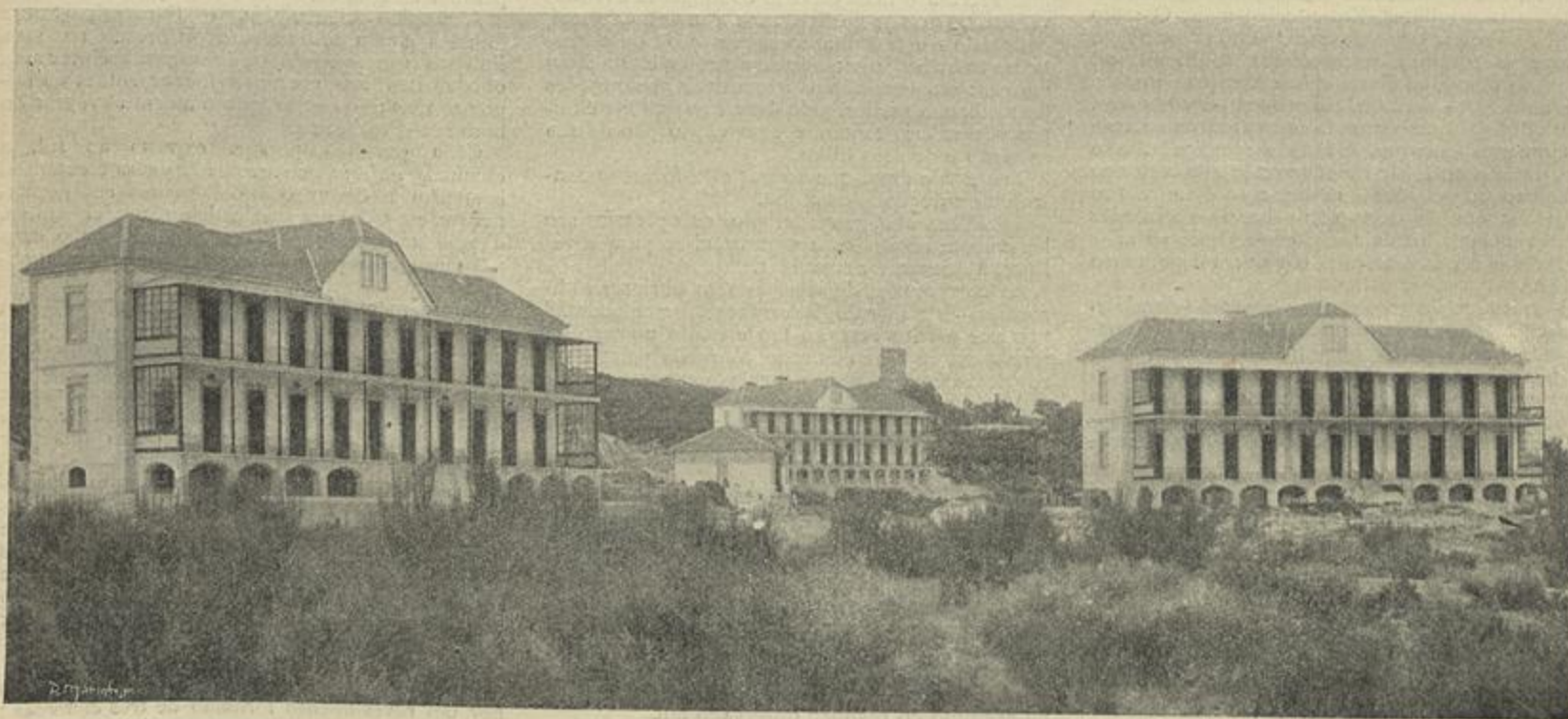
Cada pavilhão possue, exposta ao sul, a chamada *galeria de cura*, de largueza e extensão bastantes a deixar que os doentes alli permaneçam, estirados nas suas cadeiras, modelo suisso, d'espaldar movel, concedendo a inclinação mais adequada ao repouso — excellentes de commodidade.

Internamente, ha os aposentos espaçosos e claros, de grande pé direito. As paredes, d'angulos arredondados, sem frisos, obstando á deposição de poeiras e favorecendo a desinfecção, são cobertas até meia altura por uma camada de verniz isolador, devendo ser lavadas diariamente com uma solução de sublimado, ou outro qualquer antiseptico de forte poder microbicida.

O arejamento faz-se por meio de duas séries de ventiladores, e pelas portas e janellas munidas de persianas. A illuminação é a luz electrica; e a temperatura, no edificio, regulada por fogões especiaes de ti olo, em que o ar puro vindo de fóra, e aquecido, vae substituindo o ar viciado contido no interior. Isto, só temporariamente: mais tarde tencionam estabelecer o aquecimento pelo vapor sob baixa pressão.

Os pavimentos de madeira serão disfarçados por um revestimento formado de tres camadas: uma, profunda, de talco; outra, média, de feltro; e a terceira, superficial, de *linoleum*. Existem casas de banho com canalisação d'agua quente e fria; e retretes nas melhores condições de sanidade.

Os dejectos vão despejar-se n'uma grande fóssa, systhema Moura, ao abrigo do ar, onde se liqui-

TIPO DE CHALET PARTICULAR

HOSPITAL DE ISOLAMENTO

AVENIDA CENTRAL, VENDO-SE OS PAVILHÕES, CASA DO MEDICO E ABEGOARIA

VISTA GERAL DOS PAVILHÕES

O SANATORIO «SOUSA MARTINS» NA CIDADE DA GUARDA

(Fotografias do sr. Fausto Lopo de Carvalho, amador)

DR. AFFONSO COSTA — DR. ALEXANDRE BRAGA

DEPUTADOS REPUBLICANOS EXPULSOS DO PARLAMENTO PORTUGUÊS POR TRINTA DIAS

(Vide Chronica Occidental)

PALACIO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — O SALÃO DE MUSICA

(De fotografia)

fazem pela acção fermentativa das bactérias anaérobias. O liquido purificado, depois, pela sua passagem atravez d'enormes filtros d'areia e nitrificado em seguida nos tanques asepticos americanos, póde ainda ser utilisado no serviço de regas.

E' isto afinal o que, nas suas linhas geraes, se me offerece dizer do Sanatorio *Sousa Martins*, que vae brevemente inaugurar-se na cidade da Guarda e que eu ha pouco tempo tive occasião de visitar com subida curiosidade.

D'esta maneira poderão os leitores do OCCIDENTE formar uma ideia, embora incompleta, do que seja um d'esses famosos institutos de cura; ficando no emtanto a merecer este, a que summariamente me referi, a observação minuciosa de pessoa mais competente, que pôssa descrevel-o com maior desenvolvimento e justeza do que eu o fiz.

Guarda, setembro de 1906.

LADISLAU PATRICIO.

O Palacio da Presidencia da Republica dos Estados-Unidos do Brasil

A Republica dos Estados-Unidos do Brasil, proclamada em 15 de novembro de 1889, conta hoje 16 annos de existencia, e a despeito das perturbações que tem óccorrido no seu noviciado, ella vae proseguindo na sua marcha triumphante, mercê dos recursos naturaes do pais, e de não ter que lutar com as tradições de uma monarquia secular, que tivesse fundas raises no seu regimen politico.

As difficuldades financeiras que uma ou outra vez tem assoberbado os seus governos, e de longa data ellas vem, tem sabido vencel-as, sem que isso tenha impedido o caminho de grandes reformas e de grandes melhoramentos, sobre tudo na Capital Federal, como já aqui tivemos occasião de referir (1).

Dos bellos edificios a apreciar no Rio de Janeiro, destacamos o palacio da presidencia como um dos mais notaveis.

Da riqueza deste palacio se póde julgar pela gravura que hoje publicamos, representando uma das suas salas, — a sala de musica, — onde se realisam os concertos.

Magnificamente decorada com gosto e arte, é tão luxuosa quanto rica, podendo bem ajuisar se por esta sala a grandeza do palacio que serve de residencia ao Presidente da Republica, que desde o dia 10 deste mês é o dr. Affonso Pena, eleito em 1 de março d'este anno (2).

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO II

(Continuado do numero antecedente)

Ficou assim destrinçado, um dos pontos mais obscuros para mim na investigação da origem da Cotovia, que era o aparecer-me uma travessa deste nome na freguezia de S. José (3) bem longe das cumiadas da Patriarchal (coração deste bairro ou arrabalde) e separado della pelo vale das terras de Valverde.

*

Está a gente a ver na barbara descripção a actual igreja da Anunciada posta entre os dois caminhos: o que ia para Bemfica, que é o seguimento da actual rua de S. José, Santa Martha, etc., e o que ia para a Cotovia, que começava naturalmente naquelle pedáço de rua que liga a Avenida ao Largo e que, atravessando o vale, se empinava pelo oiteiro fronteiriço até ganhar as eminencias do Moinho de Vento. Era este caminho, a travessa da Cotovia, de que fála o Padre Carválho da Costa, e que me fez andar em palpos de aranha nas investigações a que procedi.

*

Em 1400, iá havia portanto um sitio chamado *Cotaviam*. Esta mudança de letra (o *o* em *a*) faz-me de novo abalançar a outra suposição quanto á etimologia do termo. E' ella a seguinte: *Cotáriam* em latim barbaro, quer dizer pedreira de pedra de afiár. Em qualquer dicionario se topará com o significado. Ora não podia sêr que, por uma alteração tão vulgar na nossa linguagem, por um fenomeno filológico, ou por um erro de escrita vulgarissimo tambem, aquelle *Cotáriam* degenerasse em *Cotaviam* mudando se tambem a acentuação de exdruxula em gráve? Parece-me isto aceitavel, tanto mais que no sitio culminante e principal do suburbio havia um grande monte de muita pedra ou pedreira como se colige dos apontamentos do jesuita da casa do noviciado, atraz transcritos, que dizem muito claramente: ... *e se abriu uma pedreira no cabo deste sitio*... e mais adiante... *e se foi taubem a pouco e pouco desfazendo um monte mui grande de muita pedra, etc.*

Ahi fica a conjectura. Oxalá alguem, mais feliz do que eu, possa justificá-la e determinar precisamente a origem obscura do arrabalde que talvez remonte a epocas anteriôres ao cêrco de Lisbôa em tempos de el-Rei D. João 1.º Até lá fica de pé a pregunta: Qual a origem da Cotovia?

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

LITERATURA INGLESA

O HOMEM VOADOR

POR

H. G. Wells

E o ethnologo, pensativo, a considerar a penna de Bhimray.

— Não parecia ter muito empenho em se desfazer della, — ponderou.

— Se ella para os chefes é sagrada, — respondeu o tenente, — tanto como a sêda para o imperador da China.

O ethnologo não respondeu. Estava perplexo; depois, encetando de golpe o assunto, perguntou:

— Que historia da caróchinha é essa, que elles contam para ahi, a proposito de um homem voador?

— O tenente sorriu-se, ao de leve, — Que foi que lhe disseram?

— Está em dia com a sua reputação, pelo que vejo, — volveu o ethnologo. O tenente pôs-se a fazer um cigarro.

— Não desgostava de tornar a ouvir essa tal historia, — proferiu, — para saber em que altura andará agora.

— E' estupida, quanto infantil! — proseguiu o ethnologo algo irritado.

Com que fim lhes impingiria o senhor semelhante burla

O tenente nem tugiu e, risonho sempre, recostou-se na poltrona.

— E fui eu apanhar uma estafa de uns quinhentos kilometros para arrebanhar o *folk lore* que essa gente haveria porventura conservado, antes de os terem desmoralizado de todo os missionarios e os militares, e o que consegui encontrar foi apenas um acervo de lendas absurdas acerca de um alma de diabo d'um tenentezito ruivo, d'infantaria. Que era invulneravel, que galgava por cima d'elefantes, que podia voar! E quejandas asnidades! Um ancião venerando impingiu-me até a descripção das suas asas, afirmando que as pernas eram pretas, mas que não chegavam a ter o comprimento do rabo de uma mula. Diz elle que o viu esvoaçar por cima das collinas das terras de Sendon, numa noite de luar.

Diabos o levem, ao senhor!...

O tenente, muito satisfeito, soltou uma gargalhada.

— Continúe, — proferiu — continúe...

O ethnologo proseguiu por ali fóra até que se lhe acabou a corda.

— Ir encher a cabeça de minhócas áquellas creanças grandes lá da Serra, uns simplorios! Que lembrança!

— Pesa-me, na verdade, — volveu o tenente, mas se não tive outro remedio. Posso afirmar-lhe que se impunha o caso, e que nem por sombras fazia ideia do modo por que o tomaria a imaginação d'aquella gente.

E por mera curiosidade, ainda menos. Apenas posso invocar que foi por indiscreção e de modo nenhum por malicia que eu substitui ao *folk-lore* uma nova lenda. Mas como vejo que o caso o penaliza, vou ver se lhe explico o negocio.

Foi na época da penultima expedição contra os Lu-Chai, e o Walters estava na fé de que aquella gente se achava animada de amistosas intenções em nosso favor; e nessa conformidade, alegre e confiado na minha capacidade em me sair bem da empresa, expediu-me para além, para o desfiladeiro, distante daqui vinte kilometros, com três soldados europeus, uma duzia de cipaios, dois muares e a sua benção, afim de me inteirar quanto aos sentimentos populares da aldeia visitada pelo senhor. Uma força de dez homens não metendo em conta os muares, vinte kilometros a percorrer e isto em tempos de hostilidades! Viu o caminho?

— O caminho? — repetiu o ethnologo.

— Está melhor actualmente do que estava algum dia. Tivemos que ir seguindo a pé por o leito do rio, pelo espaço de uns mil e quinhentos metros, no ponto em que o vale vae estreitando. E a corrente, rapida a espumejar-nos de roda dos joêlhos e a revolver uns seixos escorregadios como o proprio gêlo. Foi ali que eu deixei cair a clavina. Mais tarde, os sapadores fizeram ir pelos ares com dynamite o rochedo para abrir aquella via mais commoda que o senhor conhece.

Naquelles tempos, ia-se cá por baixo, costeando as fragas, muito altas e aprumadas, e não havia remedio senão ir sempre contornando o rio, e isto sem meter em linha de conta o ter que se atravessar a corrente uma duzia de vezes numa extensão de tres kilometros.

Chegámos á vista da praça no dia seguinte de madrugada. Conhece a posição! Situada n'um contraforte, a meio caminho, entre alcantis, e como iamos principiando a apreciar a femendita tranquilidade da aldeia a luzir ao sol, fizemos alto para reunir conselho.

Então, á laia de boas-vindas, mandaram-nos um troço de um idolo, de cobre, o trambolho despediu pela ladeira abaixo, passou-me rente do hombro uma pollegada, e veiu achatar a mula que carregava com os mantimentos e utensilios.

Não me lembro, quer antes quer depois, de ter ouvido um estampido assim. No mesmo instante lobrigamos um certo numero de cavalleiros, armados com escopetas de pedreneira, enfunicados nuns frangalhos, ou cousa que o valha, de xadrez, de cores, e a operarem um desvio ao longo de um atalho que seguia por entre a aldeia e o fraguêdo, para a banda de leste.

— Frente, meia volta! e abrir fileiras, commandei. Com aquelle espertanço a minha expedição, forte de dez praças, fez meia volta e pegou a descer pelo valle a trote largo. Não perdemos tempo em salvar a minima parcella da carga da nossa defunta. — mas, por um sentimento de amizade, tocámos adiante de nós o outro muar portador da minha barraca e da fatiota.

E assim terminou a batalha! sem gloria! — Olhei para trás, e vi pelo valle fóra uma sementeira de vencedores, aos berros e a atirarem sobre nós. Mas ninguem ficou ferido. As espingardas em semelhantes mãos não metem medo a ninguem; os tiros só acertam num alvo que não se mêxa. Têm que ficar para ali, horas esquecidas, a fazer pontaria, e quando atiram na carreira é com o fito em fazer bulha, nada mais!

Um dos meus soldados brancos, o Hoskar, tinha-se na conta de bom atirador e parou meio minuto para tentar a sorte de pregar em terra com um d'elles, mas veiu ter comnosco, de queixo caído.

Não sou nenhum Xenofonte que me ponha para aqui a impingir-lhes uma historia de legua e meia a respeito do meu exercito em retirada. No percurso dos dois a três kilometros, que viémos galgando, por duas vezes tivémos que conter em respeito o inimigo que vinha a apertar de mais comnosco, e permutar meia duzia de tiros. O negocio, comtudo, apuradas as contas, correu um tanto monotono — o peior, era a estafa — até que alcançamos o ponto em que as fragas descem para o rio e entalam o valle num desfiladeiro. Ali, afortunadamente, bispei meia duzia de cabeças fuscas que vinham tomar-nos de flanco do cimo do penêdo, pela esquerda — a leste, justamente.

Assim que tal vi, mandei fazer alto.

E agora, olho atento. «Que é que nós fazemos?» disse eu ao Hoskar e aos demais, indicando-lhes as cabeças negras.

— Negro seja eu, se não estamos chumbados, disse dali um dos homens.

— La isso estamos, respondeu outro.

Olha lá, Jorge, tu estás farto de conhecer as manhas desta cambada?

— Vão apanhar-nos entalados, e atirar sobre nós a cincoenta metros no ponto em que o rio estreita. Continuarmos na descida, e o suicidio é uma e a mesma coisa.

Pus-me a olhar para a fraga á nossa mão direita. Caía a prumo, quasi, sobre o extremo do

(1) Vidè OCCIDENTE presente vol. pag. 27, n.º 976.
(2) Vidè OCCIDENTE presente vol. pag. 49 e 50, n.º 979.
(3) Corografia do P.e Carvalho da Costa — Freguesia de S. José.

valle, mas podia ser escalada e os inimigos que até ali tinhamos visto estavam todos elles da banda d'além da corrente.

— E' assim mesmo — onde havemos de fazer alto? — indagou um cipaio.

Entrámos a trepar pela colina, obliquamente. Cortava-a ao véz, assim a modos de um caminho de pé posto, e metemos por ali acima. Dali a pouco, appareceram á vista meia duzia d'inimigos na direcção do topo do valle, e ouvi uns tiros. Vi então um cipaio, sentado, obra de trinta metros mais para baixo. Tinha parado, sem dizer palavra, para não assustar, provavelmente. Tornei a mandar fazer alto. Recommendei ao Hoskar que visse se podia ir dizimando o inimigo e fui ter com o homem que apanhara com uma bala por uma perna. Carreguei com elle e acommodei-o em cima da mula, — o pobre do animal não vinha já pouco carregado com a barraca e a demais tralhoada que não tinhamos tempo para desatar.

Quando me incorporei no resto da força, o Hoskar tinha entre mãos a clavina descarregada, e apontou-me, a rir, lá no topo do valle, para uma mancha negra, immovel. O resto do inimigo tinha-se alapardado por detrás dos penêdos, ou tinha fugido para além da curva.

— A quinhentos metros, disse Hoskar; e aposto que o feri na tóla, de chapa.

Recommendei-lhe que repetisse aquelle lindo tiro, e pusémo-nos outra vez a caminho.

A ladeira era cada vez mais ingreme, e o carreiro menos definido á proporção que a iamos galgando. Dali a pouco, quer por cima quer por baixo de nós, despenhadeiros e nada mais.

— E' o melhor de quantos caminhos tenho visto até hoje por estas terras de Lu-Chai, fui eu dizendo para alentar a minha gente, mas, de mim commigo, ia aprehensivo do que ia acontecer.

Volvidos minutos, o caminho fazia uma volta apertada contornando o despenhadeiro. E disse. O carreiro acabava ali.

Quando avaliou a situação, um dos homens entrou a rogar pragas e a esconjurar-se da ratoeira em que tinhamos caído. Encontravamo-nos em uma especie de plataforma, que teria, talvez, uns dez metros de largo. Os penhascos erguiam-se em pendor sobre nós de modo que podiam fuzilar-nos lá de cima, e pela frente abria-se ante nós um precipicio com uns duzentos ou trezentos pés de profundeza. Deitados de borco no chão ficámos invisiveis para quem estivesse da banda de além do barranco.

O unico ponto por onde podiamos ser atacados era ao longo do carreiro, e um homem bem armado, á entrada, valia um exercito. Estavamos numa fortaleza natural, com uma unica desvantagem; os mantimentos de que dispunhamos para combater a fome e a sêde estavam representados apenas por uma muar, viva.

Neste meio tempo, achavamo-nos afastados uns doze ou quinze kilometros da força total da expedição, mas, quando notassem a nossa ausencia, durante um ou dois dias, e vissem que não regressavamos, não deixariam de mandar gente em nossa procura. Ao cabo de um ou dois dias...

O tenente calou-se de chofre.

—Já de alguma vez o apertou a sêde, Graham?

—Nunca, em taes condições, volveu o ethnólogo.

—Hum! Aguentámo-nos com sêde todo aquelle dia, a noite seguinte e o dia immediato, e valendo-nos apenas umas gotas de orvalho que alcançámos torcendo umas peças de roupa e a barraca. Por baixo de nós, o rio a correr com uns gurgurêjos dencontro a um penedo espécado a meio da corrente. Nunca em dias da minha vida presenceei uma tal ausencia de incidentes e uma tal intensidade de sensação. O sol, pelos modos, obedecia ainda ás ordens de Jesué, visto que nem bulia, sequer; esbrazeava que nem uma fornalha a arder.

No primeiro dia, ao cair da tarde, um dos dois soldados tartamudeou o que quer que fosse, que ninguem percebeu, e abalou por ali fóra metendo pelo caminho por onde tinhamos vindo. Ouvimos uns tiros e, quando o Hoskar foi espreitar á entrada do desfiladeiro, tinha desapparecido o homem. Ao outro dia, o cipaio ferido foi acometido de delirio e saltou, ou antes, caiu no fojo; nós, então, pregámos um tiro na mula e esta, nas vascas da agonia, rebolou por ali abaixo, até ao fundo do precipicio, e ficámos reduzidos a oito.

Lobrigavamos, lá no fundo do algar, o corpo do cipaio, com a cabeça mergulhada na agua. Estava estatelado de borco, e até ao ponto que se podia destrinçar parecia estar pouco ou nada molestado. O inimigo, apezar de muito empenhado em haver ás mãos a cabeça do morto, não se atreveu a aproximar-se, durante a noite.

Ao principio, falou-se das probabilidades que havia de que o piquete presentisse o nosso tiroteio, e tudo era querermos determinar o momento em que dariam pela nossa demora, e uns milhões de coisas mais. A verdade, porém, é que iamos definhando, á proporção que iam caminhando as horas. Os cipaios pegaram a jogar com seixos, e a contar historias. Para a noite refrescou. Ao outro dia ninguem disse palavra. Tinhamos os beiços denegridos e as guelas a arder; e para ali estavamos estirados nos penedos, a olhar uns para os outros. Dos regulares um pôe-se a traçar na penha, com um troço do pipo do cachimbo, blasfemias e invectivas, á laia de testamento, e tive que lhe pôr cobro. E eu com os olhos pregados lá no fundo do valle, a ver o rio a correr e a borbotar e a darem-me tentações, quasi, de ir a trás do cipaio. Parecia-me attrahente e desejavel o despedir aos rebolões pelo despenhadeiro, na esperança de encontrar lá em baixo coisa que se bebêsse, — ou, sequer ao menos, — vêr-me livre da sêde por uma vez. Não obstante, lembrou-me a tempo de que era o commandante do destacamento e que o dever me impunha dar bons exemplos, e foi isso que me impediu de praticar um acto de loucura.

A' força de pensar accudiu-me uma ideia. Pusme a pé e passei a examinar a barraca e o cordame, e pasmei de não haver pensado n'isso ha mais tempo. Depois fui até á beira do fragoedo medir com a vista a distancia. D'esta vez pareceu-me muito maior a altura e a atitude do cipaio um tanto afflictiva. Mas, a não ser aquelle meio, outro é que não havia... e para lhe falar sem mais rodeios, desci em paraquédas.

Lancei mão de uma rodéla de lôna da barraca, com três vezes o tamanho de um panno de mêsa. Fiz-lhe um buraco no meio e liguei as oito cordas, em volta, vindo juntar se no centro para engendrar um pára-quedas. E os outros a olharem para mim, crentes, sem duvida, em como seria delirio de algum novo genero. Expús então o meu plano aos dois regulares, e assim que a rapidez do crepusculo do lugar á noite cerrada, arrisquei-me a tentar a experiencia. Os dois homens aguentaram no ar a almanjarra e eu armei o salto numa corrida em toda a extensão da plataforma. O meu pára-quedas encheu-se de ar tal qual uma véla, mas devo confessar-lhes que, assim que alcancei a borda, deu-me uma quebreira e estaquei. — Cresceu me um assômo de vergonha, retrocedi até o extremo da plataforma e arremeti novamente. — Desta feita, saltei — com um soluço, ou coisa parecida, lembro-me muito bem — saltei para o vacuo, com a grande véla branca enfunada por cima de mim.

Devem de ter-se precipitado com pavorosa rapidez os meus pensamentos.

Pareceu-me um século o momento que levei a adquirir a certeza em como o meu instrumento se conservaria a prumo. A principio, baloiçou-se para cá e para lá. Depois, notei que a muralha das rochas parecia ir subindo a meus olhos, a figurar se-me que eu nem bulia sequer. Olhei lá para baixo, e vi as aguas escuras do riacho e o cadaver do cipaio a virêm ter commigo. Mas na claridade indistincta, destrincei tambem três inimigos, assarapantados por me verem vir descendo, e o cipaio, decapitado. Ante aquelle espectaculo, Deus sabe a pêna que eu tive de não poder subir outra vez.

No mesmo instante, a minha bota a entrar pela boca dentro a um dos inimigos, e eu e elle e a lôna que se despenhou em cima de nós, a desenfunar se, tudo feito num mólho.

Sem duvida, devo de ter feito esguichar os miólos do homem debaixo do meu pé. E eu com a espectativa unica de ser por minha vez chacinado, mas os pagãos, coitados, que nunca tinham ouvido falar a respeito de Baldwin, deitaram a fugir, acto-continuo.

Desenrasquei-me da lôna e do cadaver e espraiei a vista em redor.

Distante uns dez passos, lá estava a cabeça do cipaio, com os olhos fitos, á luz do luar. Depois, avistei agua, a fui beber, de corrida.

No mundo dir-se-ia não haver outro rumor além do retirar precipitado dos inimigos, de um grito debil que me veiu ferir o ouvido, lá de cima, e do borborinho da corrente. Assim que bebi a fartar, fui descendo ao longo da corrente.

*

* *

Eis a explicação da historia do homem voador. No percurso dos doze kilometros que vim palmilhando até reunir á expedição, não topei viva alma. Cheguei ao acampamento de Walters seriam umas dez horas, e o estupido do imbecil que estava de sentinela têve o atrevimento de me atirar quando surgi das trevas, a trote. Assim que consegui fazer entrar a minha narrativa no rijo craneo do Walters, puseram-se a caminho cincoenta homens, para rem alimpar o valle dois inimigos e recolher a nossa gente. Eu, contudo, tinha aguentado já a minha conta de sede, e não a quis ir provocar de novo acompanhando-os.

Tem ouvido a lenda que elles engenharam para ahi a respeito do caso. Duas ásas do tamanho de uma mula, heim? e as pennas negras? O bom do tenente transformado em passaróla. Tem graça, pois não acha?

O tenente, por momentos, ficou engolfado como que em qualquer jocosa meditação, em seguida, acrescentou:

— Talvez não queiram crer, mas quando a força alcançou a plataforma, tinham-se atirado d'ali a baixo dois cipaios.

— E os outros, sem novidade? indagou o ethnologo.

— Os outros, sem novidade, a não ser a sêde.

Ante esta recordação, o tenente voltou a encher outro copasio de whiskey e soda.

M. Macedo.

GRAMATICA PORTUGUEZA

por João Bonança

Estão publicados os cinco primeiros fasciculos desta obra, abrangendo 160 paginas que conteem a introdução, toda a primeira parte, e o inicio da segunda; versando aquella — Da pronuncia e escripta — e esta — Vocabulário.

Define-se a citada introdução nos tres capitulos assim intitulados:

«I — Motivos da desordem orthographica e do desconhecimento dos principios organicos da lingua portugueza. Regresso ao passado.

II — O abecedario primitivo e suas imitações e appropriações.

III — As linguas portugueza e hespanhola são originarias da Peninsula que não derivadas do latim.»

Dizendo de sua justiça numa prévia Razão da Obra — o autor declara propôr-se fazer a luz «no seio das trevas, em que, de ha muito, se debate o espirito e o corpo ou o conceito e a forma da lingua portugueza».

Realmente, assombra o que ocorre entre nós em relação á lingua.

São tantas as opiniões, são taes os dislátes e em tão grande numero as soluções caprichosas, que o portuguez torna-se alheádo na patria onde nasceu Luiz de Camões e onde a palavra de Antonio Vieira deslumbrou auditorios arrebatados pela pureza do verbo eloquentissimo.

Ha gramaticas em barda, eivadas de destemperos inacreditaveis, e falta justamente o unico dicionario que devêra existir, modelar.

Tudo isto se converte em grave dificuldade no ensino consciente e para quem deseja aprender.

Afeiçoado á causa da instrução, amando a lingua em que se imortalisaram as estancias dos *Lusiadas*, eu conheço por experiencia propria a desordem que lavra no nosso idioma, cada dia mais abastardado.

Decurião, substituto de professores numa aula de primeiras letras, professor interino numa escola primaria, por fim, ainda de fresca data, explicador de portuguez dum mestre-escola de ensino livre, não me julgo de todo incompetente para meter foice em similhante seára.

Uniformisar a lingua no seu conceito genuino e no seu tipico simbolismo, suprimindo acentos complicados e libertando-a, quer falada quer escrita, de todos os motivos de hesitação e de equivoco vacilar, — eis o pensamento guia de João Bonança no trabalho em publicação a que me reporto.

Com profundeza incontestavel de erudição e com a singular paciencia que um tal estudo impõe e demanda, o autor avança com firmeza no terreno que pretendeu desbravár, o que conseguirá, acredito sinceramente.

E já agora, devo acrescentar que na lição da parte dada á estampa da sua gramatica, noto uma virtude de facilitação completa da leitura, que até hoje não tinha encontrado em outro livro.

Nada mais rejisto ao presente nestas colúnas por m'o impedir a estreitesa do espaço.

D. Francisco de Noronha.

NECROLOGIA

ILLYDIO AMADO

Poucas e singelas, como curta e simples foi a vida do Illydio, serão as palavras com que acompanharemos a gravura que reproduz as feições d'esse bello rapaz que a saudade de todos os que tiveram a ventura de privar com elle, ha-de lembrar sempre como um d'esses espiritos de eleição, que a natureza raras vezes produz.

Temperamento essencialmente artistico, Illydio Amado foi, por isso mesmo, um espirito generoso e bom, aberto a todos os sentimentos que em qualquer epocha e em qualquer civilização honram e dignificam a humanidade. Apaixonado pela musica, de que se manifestou um dos mais delicados cultores, fortalecera tambem o espirito com solida educação que nas conversas, sempre despretenciosas e captivantes, se patenteava com uns resaibos de erudito que muito attrahiam.

Não deixou elementos para uma biographia campanuda e estralejante o pobre e querido Illydio; atravessou a vida sorrindo, numa atmosphera sempre côr de rosa que quasi lhe não deixaria entre-vêr as miserias e dores humanas, se o seu delicado e fino espirito as não adivinhara, lançando-o d'esta forma na pratica de acções boas que, pelo recato e modestia de que se revestiam, quasi de todos eram ignoradas.

ILLYDIO AMADO

A mocidade academica muito e muito lhe deveu; foi Illydio quem, com uma vontade de ferro, com o seu modo sempre attrahente e suggestivo, conseguiu tornar em realidade uma empreza em que muitas energias e grandes vontades haviam succumbido. A Tuna Academica de Lisboa foi obra de Illydio; tudo a elle deveu, desde o sentimento artistico que a animou até á intenção altamente patriotica da realização de excursões pelo país, tendentes a dar a cada estudante o conhecimento directo e pessoal da sua propria terra e a estabelecer uma corrente sympathica 'na população que, assim, iria adquirindo a noção da solidariedade nacional. Tal era a ideia que o espirito do bom Illydio acalentava, tal foi o estimulo que o incitou a debellar todos os obstaculos, a suavisar todas as asperezas, a desprezar todos os desfallecimentos que á sua obra querida quizeram obviar.

Agora que o seu organismo debil e franzino entrou na phase da decomposição, agora que a saudade lhe deve erguer perduravel monumento, que a academia que elle tanto amou, ao menos, lhe honre a memoria vigorizando-lhe a obra de tão largo alcance social.

AGOSTINHO FORTES.